



## UTILIZAÇÃO DAS LINGUAGENS ICONOGRÁFICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

**Ione Oshida**

profe.ione@gmail.com<sup>1</sup>

**Renata Barrocas**

renata.barrocas@unimes.com.br<sup>2</sup>

### Resumo

*O presente trabalho tem o objetivo de apresentar um estudo por meio das obras de Benedito Calixto e imagens aéreas de Sérgio Furtado como recursos didáticos para a discussão das categorias de paisagem e lugar. A metodologia é bibliográfica, documental e de pesquisa ação a partir da aplicação de sequências didáticas e saídas de campo. As categorias de paisagem e lugar foram discutidas com suporte da Base Nacional Comum Curricular. A etapa prática da pesquisa foi aplicada numa escola santista, onde os sujeitos são alunos do oitavo ano do ensino fundamental II. Para complementar a sequência didática foi realizada saída de campo à Pinacoteca Benedito Calixto para que os alunos conheçam as obras originais do autor abordado. Os resultados parciais da pesquisa mostraram que os alunos interpretam a paisagem de diferentes momentos da história santista de modo satisfatório embora grande parte dos participantes desconheça a presença das obras do autor Calixto e a presença de uma pinacoteca a poucas quadras da escola onde estudam. Com a sequência didática fica evidenciada a necessidade de reforçar entre os sujeitos discussões e reflexões sobre os conceitos de lugar e paisagem.*

**Palavras-chave:** Paisagem, Lugar, Benedito Calixto.

### Introdução

Este trabalho é resultado de inquietações em sala de aula na questão da transposição dos conceitos dos conteúdos curriculares, tantas vezes abstratos para os nossos alunos, diante disso a busca por metodologias e práticas diferenciadas.

Outro aspecto observado nas séries iniciais do ensino fundamental II é a lacuna que os estudantes apresentam referente à disciplina de Geografia, para eles trata-se somente de pintura de mapas. A relevância do estudo da disciplina tem que ficar mais explícito para que os alunos

---

<sup>1</sup> Dissertação da tese de Mestrado Profissional em Práticas Docentes no ensino Fundamental, Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES Mestranda Ione Oshida<sup>1</sup>, Professora Orientadora<sup>2</sup>.

sintam a necessidade de aprender para chegarem às séries finais com mais propriedade, já que no ano seguinte estarão no Ensino Médio.

Nesse sentido, a Geografia como uma disciplina interdisciplinar, apresenta o objetivo deste trabalho: apresentar um estudo por meio das obras de Benedito Calixto e imagens aéreas de Sérgio Furtado como recursos didáticos para a discussão das categorias de paisagem e lugar.

Como metodologias foram utilizados os procedimentos bibliográficos e documentais e pesquisa-ação. Este último vai de encontro com a transposição didática utilizada que foi uma sequência didática, por ter um roteiro, onde foram oportunizados vários momentos de aprendizagens partindo da observação e percepção das paisagens e imagens apresentadas até a saída de campo.

Os sujeitos da pesquisa fazem parte do 8º "A" de uma escola pública Estadual localizada em Santos. A aplicação da sequência foi realizada de 21 a 28 de novembro, totalizando seis aulas. Além disso, houve uma saída de campo a Pinacoteca Benedito Calixto ainda em novembro de 2018.

O estudo por meio das obras de Calixto objetivou alicerçar o contexto histórico e a intencionalidade dos registros da paisagem santista em suas obras no final do século XIX. Em contraponto, as imagens aéreas da segunda década do presente século, fotografadas por Sérgio Furtado, foram utilizadas como comparativo de estudo na transformação do espaço geográfico.

Para a construção do conceito paisagem e lugar e a sua importância humanística apresentamos as contribuições de Claval (2006) e Tuan (1983). Estes autores serviram de embasamento teórico para construirmos os objetivos desta pesquisa que discute a utilização de diferentes linguagens para o ensino das categorias de paisagem e lugar nas aulas de Geografia.

### **Diferentes linguagens e a aula de Geografia**

O uso de diferentes linguagens auxilia a construção do conhecimento de forma interdisciplinar, devendo relacionar-se ao cotidiano do aluno. Muitas linguagens já estão incorporadas no ensino de Geografia, porém cada uma transmite uma intencionalidade. Portanto é de suma importância que o professor esteja apto com os conceitos, pois eles devem levar a reflexão e problematização. Como orienta Rudnick:



Estamos nos referindo às competências para fazer do elenco de conteúdos da geografia um conjunto de experiências que levem a uma reflexão problematizadora e a uma sistematização conceitual, por exemplo considerando as vivências dos alunos, ou seja, antes da abordagem teórica, dar sentido problematizado a ela estabelecer “laços” com aquilo que já se sabe para então produzir ou transformar o conhecimento. (RUDNICK 2012, p.20)

No tocante ao ensino-aprendizagem, a contribuição das linguagens artísticas e imagéticas de ícones urbanos da cidade de Santos, promove significados aos conceitos de paisagem e lugar presentes nas aulas de Geografia.

Atentando para o fato de que o homem expressa-se pela linguagem, ou seja, por meio de um sistema de signos responsáveis por armazenar a cultura e transmiti-la, e que é também por meio da linguagem (verbal e não verbal) que o conhecimento é construído e transmitido, é imprescindível, assim, o domínio da habilidade de leitura, principalmente a de mundo, conforme Paulo Freire:

[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e o seu contexto (FREIRE, 1985, p. 11-12)

Nesse sentido as linguagens podem ser caracterizadas como um recurso didático e, atualmente, seu papel no ensino, atua como mediadora no processo de ensino-aprendizagem, refletindo o aproveitamento e interação do aluno com o conhecimento.

Dentro deste contexto cabe ao professor garantir que a aprendizagem seja alcançada de maneira que os estudantes agreguem as competências dos conteúdos de Geografia e desenvolvam habilidades de uma reflexão problematizadora dando sentido a aprendizagem e autonomia para que as produzam ou transformem o conhecimento. Segundo Moretto:

O papel do novo professor é o de usar a perspectiva de como se dá a aprendizagem, para que usando a ferramenta dos conteúdos postos pelo ambiente, estimule as diferentes inteligências de seus alunos e os leve a se tornarem aptos a resolver problemas ou, que, sabe, criar produtos válidos para seu tempo e sua cultura. (MORETTO (2001, p.29)

A construção do saber precisa ser estimulada, e por isso o uso de linguagens que retratem a diversidade do mundo, gera um vínculo despertando o desejo do saber.

Esta construção do saber geográfico é uma tarefa que exige não somente conhecimento teórico, o despertar, o querer saber é fundamental, pois os alunos não conseguem esquematizar os conhecimentos com atividades de memorização e leituras de livros didáticos. É preciso

relacionar o mundo com a realidade do educando para fazer significado o ensino e aprendizagem.

Entretanto ainda representa um desafio para o professor de Geografia, conseguir incentivar seus alunos a se interessar pelo componente para que possam compreender o espaço geográfico, assim como outros conteúdos. O docente poderá conseguir êxito no processo de ensino/aprendizagem mediante a articulação entre o conhecimento prévio do aluno e a construção de seus próprios conceitos, fomentando assim a formação dos conhecimentos científicos. Como explicita Moraes:

Ensinar a geografia de maneira que os alunos possam sentir-se interessados pela disciplina é um desafio constante a todos os professores, é necessária uma busca e reflexão constantes por meios que favoreçam o processo de ensino aprendizagem. Na busca por uma maneira de ensinar que possibilite aos alunos um aprendizado significativo da geografia, descobriu-se a importância do cotidiano de cada um para o entendimento e significação dos conteúdos (MORAIS 2011, p.3)

Diante disso, a utilização dos recursos nas aulas de Geografia por meio da linguagem artística, desenvolve no aluno a percepção de observar e analisar obras de arte e a fotografia configurando como uma atividade subjetiva, em que as experiências de cada um possam conduzir a uma compreensão ampliada de signos e símbolos.

Marquez (2006) aponta em seus estudos a importância de se fazer uso de obras de arte na sala de aula com vistas a ampliar o olhar de crítica e observação de uma paisagem entre outros fatores.

Nesse mesmo viés, Silva (2009) defende ser a linguagem artística uma possibilidade de se aliar marcas e símbolos de um contexto espaço/temporal de uma cultura ao ensino de diferentes componentes curriculares na educação básica. Partindo destes pressupostos o aluno poderá compreender o espaço geográfico em que está inserido, como afirmam Callai e Kaercher:

O conteúdo de Geografia, neste contexto, é o material necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos de geografia, significa uma consciência espacial das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo. CALLAI e KAERCHER (1998, p.93)



Desse modo, para se compreender os fenômenos geográficos é preciso utilizar da escala de análise, ou seja, a escala geográfica, como enfatiza Callai (2005, p.95), “é fundamental que se considere sempre os vários níveis desta escala social de análise: o local, o regional, o nacional e o mundial”. Assim, será capaz de explicar qualquer fenômeno em diferentes níveis desta escala, fomentando análises mais profundas.

Partindo dessas premissas, devem ser trabalhados os conhecimentos geográficos, de um jeito mais interativo e dinâmico, atraindo a atenção do estudante. Nesta conjuntura, o professor de Geografia pode fazer uso de diferentes linguagens para alcançar os objetivos propostos, não se prendendo ao livro didático, mas articulando-o a recursos variados como: a música, a poesia, história em quadrinhos, tirinhas, internet, televisão, filmes, vídeos, slides, obras de arte e fotografias. Conforme Rudnick e Sousa (2010, p.21), “o uso de diferentes linguagens nas aulas de Geografia mobiliza uma construção do conhecimento, de forma interdisciplinar e contextualizada”. Reichwald (2006) enfatiza que:

No bojo da renovação e dos novos caminhos trilhados, dialogar com as áreas do conhecimento, ler a geografia com base em textos variados das diferentes ciências, da mídia, do imaginário popular etc. É algo enfatizado com mudanças dos anos 80, em especial. A geografia passa a utilizar o saber sistematizado na linguagem escrita como referência para entender o espaço como resultado e elemento influenciador da realidade social. (REICHWALD 2006, p.69)

As ideias dessa autora se complementam com as de Santos, Costa e Kinn (2010) quando destacam que:

A utilização de outras linguagens, que não apenas a verbal, escrita e não escrita, e/ou de outros recursos técnicos, diferentes do papel e do quadro negro, é hoje inevitável e necessária na educação, porque a sociedade já está vivendo no meio técnico-científico-informacional desde os anos de 1970. (SANTOS, COSTA e KINN 2010, p.44 )

Portanto, é notória a necessidade de o docente procurar renovar a cada dia sua prática, utilizando diferentes recursos e metodologias de forma crítica. Deste modo, a utilização de diferentes linguagens ajudará o aluno a refletir sobre informações apreendidas. Ademais o uso “de outras linguagens e recursos didáticos metodológicos pode aumentar o interesse dos alunos pela Geografia; com o interesse reavivado, torna-se produtivo investir e reinvestir no ensino” como afirmaram Santos, Costa e Kinn (2010, p.46).

A utilização da fotografia como recurso para leitura e apreensão da paisagem, torna-se um poderoso instrumento didático que poderá apresentar resultados significativos para a

aprendizagem. A fotografia eterniza uma paisagem com apenas um clique que poderá se transformar num objeto de estudo, proporcionando ao aluno o mesmo visual do espaço fotografado. Porém, é necessário superar alguns paradigmas quanto ao uso da fotografia em sala de aula. Sua utilização como mera ilustração de textos em livros didáticos, juntamente com outros métodos tradicionais que dão ênfase à memorização e a repetição pura e simples do que é ensinado vem se arrastando no tempo e precisam dar lugar a novas metodologias com a utilização de diferentes linguagens, entre as quais a visual.

Nas palavras de Asaki, Antoniello e Tsukamoto:

[...] a utilização da fotografia pode estimular a observação e descrição das paisagens pelos alunos, preparando-os para tirarem suas próprias conclusões e elaborarem soluções para problemas da sua realidade, e não apenas como uma ilustração do conteúdo geográfico ministrado. ( TSUKAMOTO 2004, p.183

Mas o que é fotografia? Qual seu conceito enquanto recurso didático no ensino da Geografia? Podemos dizer que fotografia é o registro visual de um determinado espaço num momento histórico, do ponto de vista de um observador. Nas palavras de Kossoy (1999, p. 143), “ela não é, nem pretende ser um raio-X dos objetos ou das personagens retratadas”, no entanto, pelas possibilidades que oferece para leitura do espaço, certamente é um bom indicativo desta realidade.

Para Travassos (2001), a fotografia pode ser entendida como uma fonte infinita de dados, fatos e informações, transformando-se por isso, em um poderoso instrumento de ‘materialização’ de lugares nunca antes visitados por alguns.

Os dados, fatos e informações registradas pela fotografia representam a materialização seletiva e excludente do espaço num momento histórico. Em outras palavras, a imagem foi selecionada pelo enquadramento da câmera segundo a importância definida pelo olhar do fotógrafo, excluindo-se aquilo que considera menos importante. Como o momento exato do clique também foi selecionado pelo fotógrafo, a imagem obtida é o resultado da materialização do espaço num tempo histórico.

Utilizada como recurso didático no ensino da Geografia, a fotografia desenvolve no aluno sua percepção visual sobre o espaço retratado. Ela não substitui textos ou outras fontes de informações geográficas, mas se agrega a estes recursos cabendo ao professor fazer uso de diferentes linguagens, tendo a opção de incluir a fotografia como mais uma possibilidade para tornar as aulas dinâmicas e prazerosas.



Por outro lado, a utilização da fotografia no contexto da aula não deve ser entendida como uma mera ilustração de textos escritos, como frequentemente ocorre nos livros didáticos, nem como a expressão da verdade absoluta de uma determinada época e lugar.

A observação de uma imagem fotográfica fornece pistas da realidade segundo o olhar de quem a produziu, cabendo ao professor a tarefa de estimular os alunos para descobrir o significado dos elementos presentes na imagem, que poderão ser revelados por meio de sua leitura.

Neste contexto a análise crítica da imagem torna-se um importante recurso que se bem explorado pode trazer uma grande contribuição na construção dos conceitos geográficos.

Nas palavras de Asaki, Antoniello e Tsukamoto:

Por mais que a fotografia seja produzida com certa finalidade, a sua representação vai conter um meio de informação e conhecimento, e o seu conteúdo irá ajudar o aluno a se constituir como um leitor crítico da paisagem, levando-o à compreensão de conceitos e acontecimentos, muitas vezes, abstratos e complexos. (ASAKI, ANTONIELLO, TSUKAMOTO 2004, p.194)

As autoras Asaki, Antoniello, Tsukamoto (2004) inferem ainda que quando se observa determinada imagem, “fica-se imaginando o que aconteceu no passado, o porquê, ou como será no futuro, e, por alguns minutos que seja, viaja e começa-se a refletir sobre a imagem à frente [...]”. Por outro lado, na análise de uma fotografia em uma perspectiva problematizadora podemos constatar que sua imagem não corresponde à verdade histórica, absoluta, mas à realidade aparente, impregnada de valores de quem a produziu. Por esta razão, o professor precisa estar atento para conduzir sua leitura por diferentes pontos de vista de modo a facilitar as múltiplas interpretações pelos alunos.

Conforme nos ensina Asari, Antoniello e Tsukamoto (2004, p.180) é preciso levar em consideração que “uma mesma imagem sempre terá interpretações significativas diferenciadas entre dois ou mais observadores, mesmo a realidade registrada sendo fixa ou imutável.” Desta forma, o estudante precisa saber quem produziu a imagem que está sendo estudada, em que época, com qual objetivo e em que contexto.

Na proposta de Kossoy (1999 p.143), “é justamente nas possibilidades que a imagem oferece à pesquisa, à descoberta e às múltiplas interpretações que reside o seu fascínio.” Como mediador do conhecimento, o professor deve estimular o aluno a ter uma posição crítica incentivando-o a questionar não só os elementos mostrados na imagem, mas também o contexto que levou à sua produção, ou seja, a verdadeira intencionalidade.

## Um pouco de Furtado

O fotógrafo santista, Sérgio Furtado, especialista em fotos aéreas possui mais de quarenta anos de experiência com fotografia e em seu livro *Olhares: da tela a fotografia, um porto visto do alto*<sup>2</sup> relacionou sua técnica com as telas de Calixto.

A Figura abaixo Porto de Santos 1898 apresenta a comparação entre a obra de Calixto no século XIX e a fotografia de Furtado no século XXI. O ângulo utilizado foi o mesmo em dois momentos distintos da história urbana de Santos.

de  
Calixto  
1898 -  
foto de



Obra  
Benedito  
feita em  
base para  
2014

Fonte: [http://olhares.imagensaereas.com.br/\[LG1\]](http://olhares.imagensaereas.com.br/[LG1])

O fotógrafo descreve a importância do ângulo na sua obra quando aponta que “a câmera é um complemento dos meus olhos; é minha forma de escrever. Escrever com luz, que é o significado de fotografia” (Furtado, 2014, p.13).

As imagens, captadas sobre a cidade de Santos nos últimos dez anos 2004 a 2014, principalmente no Porto, tão poeticamente retratado por Benedito Calixto, são comparadas no livro de Furtado, *Olhares: da tela a fotografia, um porto visto do alto*. Tal comparação é muito

<sup>2</sup>

[http://olhares.imagensaereas.com.br/?fbclid=IwAR0enxKDsk4Le\\_J53BkJYgxLUg\\_bBq\\_cyo\\_bncRhCzfoDIlg40L49xOTvI](http://olhares.imagensaereas.com.br/?fbclid=IwAR0enxKDsk4Le_J53BkJYgxLUg_bBq_cyo_bncRhCzfoDIlg40L49xOTvI)



importante, pois por meio dos registros fotográficos sobre o porto podemos constatar a transformação da paisagem e do lugar utilizando os registros pictóricos de Calixto.

Além disso, esta comparação que promove discussões sobre a temporalidade também servem como recurso para a reflexão sobre a transformação da paisagem e do lugar nas aulas de Geografia, proposta defendida neste material

### **Transposição Didática**

Este trabalho também se embasou na BNCC - Base Nacional Comum Curricular, pois a Geografia é incorporada desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, uma mudança estrutural importante. Na nova abordagem proposta pelo documento, a ênfase recai sobre o **pensamento espacial e o raciocínio geográfico**. Para se aproximar dos objetivos de aprendizagem, o professor também precisa se apropriar de conteúdos procedimentais.

A Base reforça a ideia da Geografia como um componente importante para entender o mundo, a vida e o cotidiano. Desenvolver nos estudantes o raciocínio geográfico, articulando alguns **princípios**, significa dotá-los de mais uma forma de perceber e analisar criticamente a realidade. (Castellar, S. 2018, s/n).

Portanto o tema estudado faz parte da Geografia Humanista, que objetiva descrever e classificar os complexos de características ambientais que coincidem com comunidades culturais, explorar as histórias desses complexos e estudar a ecologia cultural, ou seja, o processo pelo qual os seres humanos manipulam seus ambientes. Os autores desta abordagem identificam cinco temas-chave que estruturam a disciplina: cultura, área cultural, paisagem cultural, história cultural e ecologia cultural. A cultura é empregada, portanto, de modo descritivo e como conceito analítico ou objeto de estudo.

Dentro deste contexto a modalidade organizativa para trabalhar com os alunos neste estudo foi a sequência didática por ser um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.97), expoentes sobre a relação entre linguagem, interação e sociedade, e cujas publicações no Brasil tornaram esse conceito conhecido, a “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

### **Objetivos nesta sequência didática:**

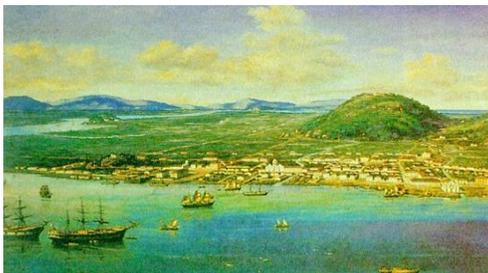
Estudar a paisagem e lugar, temas da Geografia Escolar, a partir das obras de Benedito Calixto no período em que a cidade de Santos estava em plena construção da modernidade 1890 a 1927. Compará-las aos dias de hoje, especialmente ao ano de 2014 data das fotografias aéreas de Sérgio Furtado, relacionando-as com a paisagem e lugar.

Discutir com os oitavos anos a interpretação das categorias geográficas paisagem e lugar a partir das linguagens artísticas e pictórica.

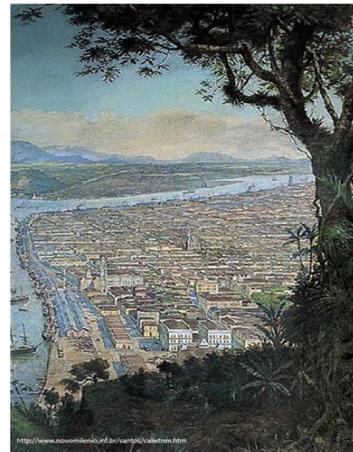
Os alunos deverão perceber contexto histórico da época e a expansão urbana do lugar alterando a paisagem, bem como o modo de vida da população e como consequência com o passar dos anos a defasagem do pertencimento do lugar.

Portanto a sequência didática está permeada pelo objetivo de apresentar um estudo por meio das obras de Benedito Calixto e imagens aéreas de Sérgio Furtado como recursos didáticos para a discussão das categorias de paisagem e lugar. As obras estudadas foram:

Porto de Santos 1822



Porto de Santos  
1922



Fonte: [www.novomilenio.inf.br/santos](http://www.novomilenio.inf.br/santos)

Imagem aérea do Porto de Santos



Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/>

Fonte: Livro "Olhares - da tela à fotografia" - CODESP



### **História e Geografia nas Obras de Calixto**

A interdisciplinaridade estava presente na obra de Calixto ao especializar-se em dois gêneros distintos na lógica das hierarquias da época: a pintura de paisagem e a pintura histórica. A pintura histórica possibilitava aos artistas o exercício de erudição ao produzir descrições de fatos históricos específicos, da mesma forma estava preocupadas com a transmissão de qualidades morais, por vezes, pedagógicas, além de uma aproximação das autoridades e instituições relevantes na economia das encomendas e nas decisões dos concursos públicos. Já a paisagem, naquela passagem para o século XX, surge como uma forma de demonstrar o virtuosismo do artista para com a compreensão da natureza, de sua luz com seus contornos e dinâmica; além de cortejar uma classe social emergente, ávida por uma pintura e com um gosto menos requintado.

O artista, desde o final do século XIX, preocupou-se em construir uma carreira voltada para organizações ligadas à esfera pública e seus interesses. Nesse aspecto, ele mirou no crescente mercado de arte voltado a enaltecer, de um lado, o passado local, daí sua inclinação para a história, arqueologia e antropologia e, do outro, o progresso especialmente a expansão urbana e o porto da cidade de Santos, pontos estes presentes na geografia nos conceitos de paisagem e lugar.

Dentro deste contexto ao estudarmos as obras de Calixto devemos explicitar para os alunos que toda obra realizada teve uma intencionalidade. No caso de Calixto, era deixar registrado o progresso que Santos estava passando na virada do século XIX para o século XX, já que sua ligação com a elite era estreita. Com isso não basta somente conceituarmos por meio de suas obras as categorias de “paisagem” e “lugar”, mas indicar que estudando de forma interdisciplinar o aluno constrói os conceitos geográficos justificando-os com base nos estudos históricos.

### **Considerações finais**

Propusemos um recorte histórico da geografia humanística para nortear as pesquisas de leituras de diferentes linguagens na geografia. Para isso, utilizamos a análise comparativa de uma linha temporal, final do século XIX, por meio de obras de arte de Benedito Calixto e imagens aéreas de Sérgio Furtado.

A utilização de várias linguagens na geografia é importante para que os conceitos sejam aprendidos com significados e problematizados no cotidiano dos alunos.

O trabalho com as categorias paisagem e lugar, por meio de outras linguagens no caso deste estudo Obras de Arte de Benedito Calixto e imagens áreas de Sérgio Furtado, despertou grande interesse nos alunos, pois as aulas eram diferenciadas.

A cada momento da sequência didática foram reformulando os conceitos por meio da metodologia aplicada nesta pesquisa. Tecer estratégias para que comparassem dois momentos temporais na cidade de Santos, construir criticidade e pertencimento sobre o lugar onde moram e despertar a percepção para se tornarem observadores, são ações ordenadas que tiveram muito empenho de todos. Culminando com a saída de campo a Pinacoteca Benedito Calixto onde os alunos contextualizavam e relacionaram as obras aos conceitos estudados.

Podemos concluir que o instrumento para transpor os conceitos de paisagem e lugar, a Sequência Didática, obteve um resultado positivo pela aprendizagem demonstrada pelos alunos não somente na forma escrita, mas principalmente na questão da argumentação, interpretação das obras e questionamentos.

### Referências bibliográficas

- ASARI, Alice Yatiuo; ANTONELLO, Ideni Terezinha; TSUKAMOTO, Ruth Youko (org.) **Múltiplas Geografias: ensino – pesquisa – reflexão**. Londrina: Edições Humanidades, 2004.
- CLAVAL, Paul. **As abordagens da geografia cultural**. In: CASTRO, I.E.; GOMES, P.C.C.; CORRÊA, R.L. *Explorações geográficas*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e para o escrito: apresentação de um procedimento**. In.: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro] Campinas, SP : Mercado de Letras, 2004, p. 95 – 128.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. In Col. *Polêmicas do Nosso tempo*, Editora Cortez, São Paulo, 1985.
- KAERCHER, N. A. **A geografia é o nosso dia a dia**. In: CASTROGIOVANI C. *Geografia escolar: relações e representações da prática social*. CALLAI, H. C.; SCHAFFER, N. O. (Orgs.). *Geografia em sala de aula - práticas e reflexões*. Porto Alegre, 1998. p.13-25.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- MARQUEZ, R. M. **Arte e Geografia**. In: FREIRE-MEDEIROS, B.; COSTA, M. H. B. V. (Org.). **Imagens Marginais**. Natal: EdUFRN, 2006.
- MORAIS, Lucas Oliveira. **O ensino da Geografia: novos recursos velhos desafios**. V colóquio internacional “Educação e contemporaneidade” São Cristóvão-SE/ Brasil. 21 a 23 de setembro de 2011.
- MORETTO, V. P. **Prova: um momento privilegiado de estudo e não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: DP&A Ed. 2001.



- REICHWALD JÚNIOR, Guilherme. **Leitura e escrita na geografia ontem e hoje.** In: NEVES, Iara C. B. et al. (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** 7. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006. p. 67-72.
- SANTOS, Roseane Maria Rudnick dos. **O ensino de geografia e suas linguagens.** Livro eletrônico; SOUZA, Sandra Mara Lopes de. Curitiba: Intersaberes, 2012.
- SANTOS, Rosselvelt José. COSTA, Cláudia Lúcia da. KINN, Marli Graniel. **Coleção explorando o ensino: Geografia. In: Ensino de Geografia e novas linguagens.** Brasília: MEC. Volume 22, 2010.
- SILVA, A. S. R. **A utilização de obras de artes no ensino de Geografia.** In: Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 10, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: ENPEG, s/p, 2009.
- TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. **A fotografia como ferramenta de auxílio no ensino da Geografia.** In: Revista de Biologia e Ciências da Terra. 2001.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1974
- WAGNER, Philip; MIKESELL, Marvin. **Os Temas da Geografia Cultural.** In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.